

IMPACTOS DA ALFABETIZAÇÃO NA VIDA DE EX-ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: ESTUDO EM UMA COMUNIDADE RURAL DA REGIÃO CENTRAL DO RIO GRANDE DO NORTE

*Francisco Aedson de Souza Oliveira**, *Maria Eugênia Figueiredo Lima***

RESUMO

O objetivo deste estudo foi analisar, a partir das percepções de ex-alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da comunidade rural 03 de Agosto, os impactos da alfabetização em suas trajetórias pessoais e sociais. Para isso, realizou-se uma pesquisa qualitativa, desenvolvida por meio de pesquisa de campo com oito participantes que concluíram a etapa inicial da alfabetização entre cinco e dez anos antes da investigação. Os dados foram coletados por meio de entrevistas, norteadas por um questionário, e organizados segundo a técnica de análise de conteúdo temático. Os resultados mostram que a alfabetização proporcionou ganhos expressivos de autonomia, autoestima e segurança em práticas cotidianas, como assinar documentos, deslocar-se com mais independência e compreender informações básicas do dia a dia.

Palavras-chave: educação de jovens e adultos; alfabetização; trajetórias de vida.

* Doutor em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Professor Adjunto do Departamento de Ciências Humanas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6354-8936>. Correio eletrônico: aedson.souza@ufersa.edu.br.

** Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-5476-4598>. Correio eletrônico: maria.lima94366@alunos.ufersa.edu.br.

**IMPACTS OF LITERACY ON THE LIVES OF FORMER STUDENTS OF YOUTH AND
ADULT EDUCATION: A STUDY IN A RURAL COMMUNITY IN THE CENTRAL
REGION OF RIO GRANDE DO NORTE**

ABSTRACT

The aim of this study was to analyze, based on the perceptions of former students of Youth and Adult Education (EJA) from the rural community of 03 de Agosto, the impacts of literacy on their personal and social trajectories. To this end, a qualitative study was conducted through field research involving eight participants who had completed the initial stage of literacy between five and ten years prior to the investigation. Data were collected through interviews guided by a questionnaire and organized according to the thematic content analysis technique. The results show that literacy provided significant gains in autonomy, self-esteem, and confidence in everyday practices, such as signing documents, moving around more independently, and understanding basic daily information.

Keywords: youth and adult education; literacy; life trajectories.

**IMPACTOS DE LA ALFABETIZACIÓN EN LA VIDA DE EX-ALUMNOS DE LA
EDUCACIÓN DE JÓVENES Y ADULTOS: ESTUDIO EN UNA COMUNIDAD RURAL
DE LA REGIÓN CENTRAL DE RIO GRANDE DO NORTE**

RESUMEN

El objetivo de este estudio fue analizar, a partir de las percepciones de exalumnos de la Educación de Jóvenes y Adultos (EJA) de la comunidad rural 03 de Agosto, los impactos de la alfabetización en sus trayectorias personales y sociales. Para ello, se realizó una investigación cualitativa, desarrollada mediante trabajo de campo con ocho participantes que concluyeron la etapa inicial de alfabetización entre cinco y diez años antes de la investigación. Los datos fueron recolectados mediante entrevistas guiadas por un cuestionario y organizados según la técnica de análisis de contenido temático. Los resultados muestran que la alfabetización proporcionó importantes avances en autonomía, autoestima y

seguridad en prácticas cotidianas, como firmar documentos, desplazarse con mayor independencia y comprender informaciones básicas de la vida diaria.

Palabras clave: *educación de jóvenes y adultos; alfabetización; trayectorias de vida.*

1 INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) configura-se como uma política pública destinada a atender pessoas que, por diferentes motivos, não tiveram acesso à escolarização no período considerado regular. Sua trajetória no Brasil está profundamente relacionada às desigualdades sociais, aos movimentos populares e à necessidade de reparar historicamente a exclusão educacional vivenciada por grande parte da população (Haddad; Di Pierro, 2000). Embora tenha se consolidado como modalidade a partir da Constituição Federal de 1988 e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB n.º 9.394/1996), a EJA ainda enfrenta fragilidades estruturais e políticas que comprometem seu pleno desenvolvimento.

Nesse sentido, a EJA surgiu como resposta às contradições sociais e econômicas do país, especialmente quando o processo de modernização e expansão do mercado de trabalho passou a exigir maior escolarização e qualificação profissional. Assim, além de restituir o direito à educação negado a diferentes indivíduos, a modalidade também se tornou estratégica para a inclusão econômica de sujeitos historicamente marginalizados. Entretanto, apesar de sua relevância, a EJA segue marcada pela descontinuidade de programas governamentais, dificuldades no financiamento, ausência de materiais pedagógicos adequados e falta de formação específica para professores que atuam com esse público.

No contexto rural, essas fragilidades tornam-se ainda mais evidentes. As distâncias entre comunidades e escolas, a falta de transporte, a precariedade estrutural e o histórico de trabalho precoce contribuem para aprofundar a exclusão escolar. Para muitos jovens e adultos do campo, estudar representa um esforço que exige conciliar múltiplas responsabilidades familiares, produtivas e sociais. Ainda assim, mesmo diante de obstáculos, o retorno aos estudos, sobretudo ao processo de alfabetização, é percebido como uma oportunidade de autonomia, pertencimento e transformação pessoal e coletiva. Trata-se de uma maneira de potencializar suas identidades enquanto indivíduos capazes de atuar na sociedade ativamente e criticamente.

Nessa perspectiva, com base em Haddad e Di Pierro (2000), compreende-se que a alfabetização na EJA não se limita ao aprendizado das técnicas de leitura e escrita; envolve, antes de tudo, a capacidade de interpretar a realidade, fortalecer a autoestima, compreender direitos e ampliar a participação social. Aprender a ler e escrever, na vida adulta, pode modificar significativamente a forma como os sujeitos se inserem na família, no trabalho e na comunidade, influenciando desde tarefas simples do cotidiano até a tomada de decisões essenciais para a vida.

Essas discussões tornam-se particularmente relevantes quando observadas em contextos rurais marcados por históricos processos de exclusão educacional, como ocorre na comunidade rural 03 de Agosto, localizada na zona rural do município de Lajes, na região central do Rio Grande do Norte. Constituída como um assentamento oriundo da política de reforma agrária, a comunidade organiza-se por meio da “Associação Comunitária 3 de Agosto”, fundada em 1998, e desenvolve atividades ligadas predominantemente à agricultura familiar, desempenhando importante papel econômico, social e cultural no contexto rural local. Segundo Silva *et al.* (2023), entre as principais produções agrícolas desenvolvidas pelos moradores destacam-se o cultivo de milho, feijão, macaxeira, hortaliças, frutas, palma e capim, voltados tanto ao consumo familiar quanto à comercialização em pequena escala. Nesse contexto, grande parte das trajetórias de vida dos sujeitos da comunidade foi historicamente marcada pelo trabalho rural precoce, pelas dificuldades de deslocamento e pelo acesso limitado à escolarização, fatores que contribuíram para processos de interrupção ou não permanência nos estudos durante a infância e juventude (Silva *et al.*, 2023).

Essas condições repercutem diretamente nas experiências educacionais dos sujeitos da EJA, especialmente em contextos nos quais o retorno à escola ocorre após longos períodos de afastamento da educação formal. Ainda assim, a oferta da modalidade EJA na comunidade possibilitou que diversos moradores tivessem acesso à alfabetização em etapas posteriores da vida, criando oportunidades para reconstrução de trajetórias escolares interrompidas e ampliação da participação social, familiar e comunitária. Assim, compreender os impactos da alfabetização nesse território implica considerar não apenas o processo escolar em si, mas também as condições sociais, econômicas e culturais que historicamente atravessam as experiências de exclusão e retorno à escola no contexto rural. Diante disso, este estudo buscou responder ao seguinte problema de pesquisa: quais são os impactos da alfabetização vivenciada na EJA na vida de ex-alunos da comunidade rural 03 de Agosto, no Rio Grande do Norte?

Justifica-se a realização desta pesquisa pela necessidade de atualizar a compreensão sobre os impactos da alfabetização na vida de jovens, adultos e idosos em uma realidade específica como a comunidade rural de 03 de Agosto, onde o acesso à escolarização é historicamente mais limitado e marcado por condições sociais particulares. Diferentemente de grande parte dos estudos que enfatizam sobretudo o caráter “reparador” da EJA, considera-se oportuno investigar o que acontece após a formação, buscando compreender quais transformações os sujeitos constroem a partir dessa experiência e de que forma passam a produzir novas maneiras de viver, participar e atuar na sociedade. Examinar esses efeitos posteriores permite revelar dimensões pouco exploradas da modalidade e contribui para reconhecer a EJA não apenas como mecanismo de acesso à educação, mas como espaço de transformação contínua nas trajetórias de vida.

Com base nisso, o objetivo geral deste estudo é analisar, a partir das percepções dos ex-alunos da EJA da comunidade rural 03 de Agosto, localizada no município de Lajes, região central do Rio Grande do Norte (RN), os impactos da alfabetização construída nessa modalidade em suas trajetórias pessoais e sociais. Com base nisso, além do objetivo geral, este estudo apresenta como objetivos específicos: analisar as experiências vivenciadas pelos ex-alunos da Educação de Jovens e Adultos durante o processo de alfabetização na comunidade rural de 03 de Agosto; investigar os impactos da alfabetização na autonomia cotidiana, nas relações sociais e na participação comunitária desses sujeitos; e examinar as condições que influenciaram a continuidade ou interrupção dos estudos após a etapa de alfabetização na EJA.

Metodologicamente, esta pesquisa caracteriza-se como um estudo de campo, de natureza qualitativa, desenvolvido na comunidade rural 03 de Agosto, localizada no município de Lajes (RN). Participaram da investigação oito ex-alunos da Educação de Jovens e Adultos, sendo cinco mulheres e três homens, com faixa etária entre 30 e 70 anos. A quantidade de participantes esteve relacionada ao número limitado de ex-alunos da modalidade residentes na própria comunidade e que atendiam aos critérios definidos para a pesquisa. Destaca-se que todos haviam concluído a etapa inicial da alfabetização entre cinco e dez anos antes da realização do estudo. Em relação ao ingresso desses sujeitos na EJA, é válido mencionar que ocorreu por meio de turmas de alfabetização ofertadas na própria localidade, frequentadas em períodos variados, geralmente entre alguns meses e aproximadamente um ano. As aulas aconteciam predominantemente no turno noturno, considerando as condições de trabalho e a rotina dos educandos do campo.

A coleta de dados ocorreu durante a segunda semana do mês de outubro de 2025, por meio de entrevistas realizadas presencialmente nas residências dos participantes, a partir do deslocamento da pesquisadora até cada uma das casas. Considerando o perfil dos colaboradores e as especificidades do contexto investigado, a pesquisadora conduziu oralmente as perguntas presentes no questionário, registrando manualmente as respostas conforme expressas pelos participantes, de modo a preservar a forma de fala, os sentidos atribuídos às experiências narradas e a autenticidade das percepções compartilhadas durante a investigação.

As respostas foram organizadas e interpretadas a partir da técnica de análise de conteúdo temática, possibilitando a construção de eixos analíticos relacionados às experiências de alfabetização, às dificuldades de permanência na EJA, à autonomia cotidiana e à continuidade formativa dos participantes. Ressalta-se ainda que os participantes contribuíram voluntariamente com a pesquisa, tendo suas identidades preservadas por meio do uso de siglas identificadoras, em conformidade com os princípios éticos da pesquisa científica.

Este trabalho está organizado em cinco seções principais, a saber: inicialmente, apresenta-se a introdução, que contextualiza a temática, o problema de pesquisa, a justificativa e os objetivos do estudo. Em seguida, os fundamentos teóricos e contextuais discutem aspectos históricos e conceituais da EJA, bem como os impactos da alfabetização na vida dos sujeitos da modalidade. Posteriormente, descrevem-se os procedimentos metodológicos utilizados na investigação. Na sequência, são apresentados e discutidos os resultados construídos a partir das narrativas dos participantes, organizados em eixos temáticos. Por fim, as considerações finais retomam os principais achados da pesquisa, destacando suas contribuições, limitações e possibilidades para estudos futuros.

2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS E CONTEXTUAIS DA EJA

A compreensão dos impactos da EJA na vida de jovens, adultos e idosos exige uma análise que considere, simultaneamente, o percurso histórico da modalidade, as desigualdades que marcaram o acesso à escolarização e as particularidades dos sujeitos que retornam aos estudos em etapas tardias da vida. Este tópico apresenta os fundamentos que permitem situar a EJA como política pública essencial à garantia do direito à educação ao longo da vida, destacando sua trajetória, os perfis dos sujeitos atendidos e a concepção de alfabetização

como prática social e emancipadora. Esses elementos constituem a base conceitual que orienta a análise do caso investigado na comunidade rural 03 de Agosto.

A EJA consolidou-se como resposta à exclusão histórica que privou grande parte da população brasileira do acesso à escolarização no período considerado regular. Como discutem Haddad e Di Pierro (2000), essa exclusão não deriva de fatores isolados, mas resulta de um processo social contínuo que limitou o ingresso e a permanência de trabalhadores rurais, pessoas em situação de pobreza, mulheres e grupos vulnerabilizados. Apesar dos avanços legais assegurados pela Constituição de 1988 e pela LDB n.º 9.394/1996, a EJA ainda enfrenta fragilidades como descontinuidade de políticas públicas, falta de financiamento e oferta irregular, sobretudo em regiões rurais. Essas condições revelam que o direito à educação permanece tensionado entre sua previsão legal e sua materialização, o que reforça a importância da modalidade para sujeitos que vivenciam trajetórias escolares interrompidas.

Considerar a EJA implica reconhecer as singularidades dos sujeitos que dela participam, cujas vivências são marcadas por responsabilidades precoces, trabalho informal, deslocamentos frequentes e experiências de fracasso escolar. Arroyo (2022) destaca que os jovens e adultos que retornam à escola trazem consigo histórias de desigualdades e expectativas moldadas pelas condições sociais em que vivem, razão pela qual a aprendizagem nesse contexto se vincula diretamente às necessidades cotidianas e à construção de autonomia. Oliveira (2020) assinala que, ao aprender na vida adulta, o sujeito articula conhecimentos prévios às novas informações, produzindo sentidos próprios para a escolarização. Assim, a EJA não apenas supre lacunas formativas, mas constitui espaço de reconstrução identitária e elaboração de novos projetos pessoais e comunitários.

Nesse cenário, a alfabetização ganha centralidade por ser compreendida como prática social e processo emancipador. Freire (2005) afirma que alfabetizar adultos é possibilitar que leiam criticamente o mundo, ampliando a capacidade de interpretar situações vividas e participar de forma consciente da vida social. Em complemento, Soares (2022) argumenta que a alfabetização envolve usos reais da escrita no cotidiano, articulando competências que permeiam desde atividades simples até decisões importantes de vida. Em territórios rurais, esses usos se ampliam para práticas ligadas ao trabalho agrícola, ao acesso a políticas públicas e à organização comunitária, o que evidencia a força da alfabetização como ferramenta de fortalecimento individual e coletivo.

Dessa forma, compreender os impactos da EJA na comunidade 03 de Agosto exige considerar as dimensões históricas, identitárias e sociais que estruturam a modalidade, bem

como as condições territoriais que influenciam o acesso e a permanência escolar. Os elementos apresentados neste tópico oferecem o suporte teórico necessário para interpretar as experiências relatadas pelos participantes e entender de que maneira a alfabetização se articula às transformações em suas trajetórias pessoais e sociais, aspecto aprofundado a seguir.

2.1 Impactos da alfabetização na vida dos ex-alunos da EJA

Considerando esses fundamentos, torna-se possível examinar os impactos que a alfabetização exerce na vida de jovens, adultos e idosos inseridos na EJA, especialmente quando se leva em conta o conjunto de experiências acumuladas ao longo de suas trajetórias de exclusão educacional. A alfabetização ultrapassa o domínio de habilidades técnicas e configura-se como experiência que mobiliza dimensões subjetivas, sociais e culturais da vida dos sujeitos. Freire (2005) destaca que alfabetizar é um ato criador e um processo de conhecimento, que amplia a compreensão da realidade e fortalece a autonomia, permitindo que o indivíduo se reconheça como agente de sua própria história.

No plano pessoal, a alfabetização funciona como processo de ressignificação das experiências anteriores de escolarização e das marcas associadas ao fracasso escolar. Adultos que retornam aos estudos frequentemente carregam sentimento de frustração e memórias de exclusão, que são gradualmente transformados à medida que percebem seus avanços. Esse processo, como argumenta Arroyo (2022), rompe ciclos de desvalorização e contribui para a reconstrução identitária dos estudantes, que passam a reconhecer seu próprio valor e potencialidade.

Os impactos da alfabetização se estendem também ao campo familiar e comunitário, haja vista que a capacidade de acompanhar tarefas escolares, participar de reuniões e incentivar a continuidade dos estudos dos filhos fortalece vínculos familiares e contribui para interromper ciclos de analfabetismo. No âmbito comunitário, a leitura e a escrita facilitam a participação em associações, grupos sociais e espaços de decisão, já que permitem compreender documentos, listas, avisos e outras formas de comunicação essenciais para a vida coletiva. Estudos de Moura e Martins (2018) mostram que adultos alfabetizados tendem a tornar-se mais ativos em práticas comunitárias, ampliando sua inserção social e fortalecendo redes de colaboração.

No cotidiano, o letramento amplia significativamente a autonomia dos sujeitos, pois ler prescrições médicas, interpretar orientações, acessar informações públicas, utilizar recursos digitais e realizar atividades simples sem mediação de terceiros são práticas que impactam diretamente a vida diária desses indivíduos. O domínio desses aspectos permite maior segurança, independência e mobilidade social aos sujeitos, permitindo uma reconstrução da sua atuação na sociedade e do modo como se percebe nela. No campo profissional, a alfabetização possibilita oportunidades antes inacessíveis, ao favorecer a compreensão de documentos, o preenchimento de cadastros, o diálogo com clientes ou fornecedores e o acesso a cursos básicos de formação.

Sob a perspectiva freiriana, a alfabetização revela seu caráter político ao permitir que os sujeitos compreendam direitos, reconheçam desigualdades e atuem de forma mais crítica na sociedade. Com base nisso, Gentili (2013) destaca que aprender a ler e escrever rompe com a lógica da subalternidade ao fortalecer a consciência de si e a capacidade de participação política e social. Nesse sentido, os impactos da alfabetização articulam-se não apenas à melhoria de condições individuais, mas também ao fortalecimento do protagonismo e da inserção cidadã.

Dessa forma, os impactos da alfabetização na EJA são amplos, profundos e interligados, envolvendo dimensões pessoais, familiares, profissionais e sociais. Esses elementos constituem o suporte teórico necessário para compreender as percepções dos ex-alunos participantes da pesquisa, orientando a análise das transformações que emergiram após sua passagem pela modalidade, o que será discutido na seção de resultados e discussões.

3 ALFABETIZAÇÃO NA EJA: NARRATIVAS E IMPACTOS NA TRAJETÓRIA DOS EX-ALUNOS

A escolarização em etapas tardias da vida produz transformações significativas nas trajetórias pessoais e sociais dos sujeitos. Haddad e Di Pierro (2000), nesse sentido, destacam que o retorno à escola permite reconstruir identidades, ampliar autonomia, melhorar a relação com o trabalho e reforçar a participação comunitária. A alfabetização, em especial, ressignifica práticas cotidianas, possibilitando desde o uso mais competente da leitura e da escrita até a ampliação de capacidades de decisão, autoestima e reconhecimento social. Esses impactos são fundamentais para compreender as mudanças relatadas pelos ex-alunos da

comunidade de 03 de Agosto, cujas vivências expressam como a EJA potencializa novas formas de inserção social.

3.1 Experiências e percepções sobre o processo de alfabetização

As narrativas dos participantes revelam que o processo de alfabetização na EJA foi marcado por experiências de acolhimento, convivência coletiva e ajuda mútua entre professores e colegas. Ao recordar esse período, os entrevistados frequentemente associam a escola a um espaço de incentivo e socialização. E1 afirma que “a experiência foi boa pois as professoras gostavam de ajudar. O pouco que sabíamos ensinavam uns para os outros e assim ia dando certo”, evidenciando que a aprendizagem era construída de forma colaborativa entre os estudantes. Em sentido semelhante, E6 destaca que “a experiência foi muito boa”, acrescentando que os “encontros toda noite” contribuíam para fortalecer as relações construídas no espaço escolar. A partir dos posicionamentos dos participantes, é possível observar que mesmo entre aqueles que relatam avanços limitados no processo de alfabetização, há reconhecimento da relevância da experiência vivenciada na EJA. Esse aspecto aparece de forma mais aprofundada na narrativa de E3, que afirma que

foi muito bom. Os professores que tinham eram muito bons, mas só consegui assinar meu nome porque sou meio ruda. Mas eu estava até aprendendo, mas o projeto acabou e não veio mais, aí esqueci de tudo (E3, 2025).
Eu queria ter aprendido mais, porque como já disse aprendi apenas assinar meu nome, mas queria saber ler nem que fosse um pouco (E3, 2025).

O posicionamento dos entrevistados revela que pequenas conquistas passam a assumir grande significado para os ex-alunos da modalidade EJA, uma vez que ampliam a autonomia cotidiana e representam oportunidades de reverter trajetórias marcadas por exclusões anteriores. Essa perspectiva vai ao encontro de Soares (2022), quando ela destaca que, na vida adulta, o aprendizado da escrita está profundamente relacionado aos usos sociais, e isso fica evidente nas falas que apontam a assinatura do nome como marco de independência e reconhecimento. É comum entre os sujeitos da EJA, especialmente entre os idosos que não tiveram acesso à educação regular, que o principal objetivo ao retornar aos estudos seja aprender a assinar o próprio nome. A assinatura do próprio nome, portanto, aparece associada à autonomia e ao reconhecimento social dos participantes.

Também emergem nas narrativas percepções de limitações pessoais, como podemos perceber em trechos como: “sou meio ruda” (E2, 2025) ou “toda vida fui ruda para os estudos” (E3, 2025), os quais refletem percepções deixadas por experiências escolares negativas, que ainda influenciam a autopercepção dos participantes sobre sua capacidade de aprender. Além disso, as falas revelam percepções fragilizadas sobre a própria capacidade de aprender, construídas ao longo de trajetórias marcadas pela exclusão escolar e pelo afastamento prolongado da escola. Ao afirmarem que eram “rudos para os estudos”, os entrevistados revelam marcas subjetivas produzidas por trajetórias históricas de exclusão escolar, fracasso educacional e afastamento prolongado da escola. Nesse sentido, as falas indicam que o retorno à EJA não envolve apenas aprender conteúdos escolares, mas também reconstruir a confiança na própria capacidade de aprender. Esses registros dialogam com as discussões de Arroyo (2022) sobre identidades fragilizadas pelas exclusões educacionais, e apontam que a alfabetização, na EJA, aparece associada ao fortalecimento da autoestima e da confiança para aprender.

Outro aspecto recorrente diz respeito à descontinuidade da oferta da EJA em alguns locais especialmente nas zonas rurais devido a diversos fatores, entre eles, a falta de estrutura, distâncias e falta de profissionais qualificados. A interrupção do projeto aparece de forma recorrente nas narrativas, especialmente na fala de E3: “o projeto acabou e não veio mais, aí esqueci de tudo” (E3, 2025). A descontinuidade das turmas aparece em diferentes entrevistas como um dos fatores que limitaram a continuidade da aprendizagem. Além de E3, E7 também afirma que “parei porque não veio mais projeto para cá”. As falas permitem compreender que a permanência dos sujeitos na EJA não depende apenas do interesse individual, mas também da continuidade das políticas educacionais ofertadas às comunidades rurais. Essa situação reflete o que é discutido por Di Pierro, Joia e Ribeiro (2001), em seu artigo “Visões da educação de jovens e adultos no Brasil” sobre a instabilidade histórica das políticas voltadas à educação de jovens e adultos, revelando impactos concretos na trajetória dos sujeitos, que dependem da regularidade das ações educativas para consolidar o aprendizado.

No entanto, é possível observar que, apesar das limitações, há consenso entre os entrevistados de que aprender “nem que seja um pouco” (E8, 2025) representa uma conquista importante e significativa. Essa percepção reforça a ideia de que a alfabetização, mais do que um fim em si mesma, constitui um processo de construção de sentido e de abertura para novas possibilidades de participação social. Em conjunto, as narrativas revelam que a experiência na

EJA foi associada a sentimentos de acolhimento, pertencimento e valorização pessoal, mesmo diante das dificuldades enfrentadas ao longo do processo de alfabetização.

3.2 Condições e dificuldades para frequentar a EJA

A análise das falas mostra que as dificuldades enfrentadas pelos participantes variaram conforme a idade, a rotina familiar e as condições de trabalho, aspectos que influenciam diretamente sua permanência na EJA. Sobre essas dificuldades, os participantes afirmaram:

a maior dificuldade foi por causa que na época meu meninos eram pequenos, daí ir para escola ficava difícil de ter que levar e não ter com quem deixar (E1, 2025).
Tinha dia que eu ia, mas tinha dia que não conseguia porque passava o dia trabalhando e a noite estava muita cansada (E2, 2025).

Portanto, a permanência na EJA, ocorreu em meio a condições que historicamente dificultam a escolarização de jovens e adultos das classes populares, especialmente no contexto rural. Nesse sentido, os relatos dialogam com Arroyo (2022), ao demonstrar que os percursos educacionais dos sujeitos da EJA são atravessados por desigualdades sociais que continuam repercutindo mesmo após o retorno à escola. Oliveira (2020), contribui com essa perspectiva, ao afirmar que o desgaste provocado pelo trabalho é uma das principais causas de interrupção dos estudos na vida adulta, especialmente quando o horário escolar não é compatível com a rotina produtiva.

Por outro lado, parte dos entrevistados afirmaram não ter enfrentado dificuldades relacionadas ao acesso físico à escola, destacando que a proximidade da instituição facilitava a participação (E4, E7; E8, 2025). Esses depoimentos demonstram que, quando o deslocamento não constitui uma barreira, tornam-se mais evidentes os fatores sociais e econômicos que condicionam a permanência. Essa interpretação é coerente com as análises de Haddad e Di Pierro (2000), que explicam que a trajetória educacional de jovens e adultos é fortemente marcada por desigualdades estruturais, e não apenas por condições geográficas.

3.3 Aprendizagens e impactos na autonomia cotidiana e social

Os relatos demonstram que os principais impactos da alfabetização estiveram relacionados a maior independência em situações cotidianas e à redução da dependência de

terceiros em diferentes situações do dia a dia. Entre os aspectos mais mencionados pelos participantes estão a possibilidade de assinar o próprio nome, compreender informações básicas, reconhecer lugares e deslocar-se com maior independência.

Mudou muita coisa, por antes eu olhava para as coisas e não sabia de nada, agora posso viajar e saber onde estou (E1, 2025).

O pouco que aprendi já mudou, por que agora não preciso colocar meu dedo nas coisas (E2, 2025).

Antes tudo que eu tinha que fazer, eu tinha que colocar o dedo, aí agora consigo assinar meu nome (E3, 2025).

Mudou muita coisa, tirar documento assinando meu nome e falar por si próprio (E4, 2025).

[...] agora não preciso sempre de alguém do lado para perguntar as coisas (E7, 2025).

Mudou sim. Principalmente quando vou para algum lugar e consigo ler as coisas. Sem saber de nada é muito ruim porque precisa depender de outras pessoas (E8, 2025).

Esses posicionamentos expressam que aprendizagens consideradas simples passaram a produzir impactos concretos na forma como os participantes se relacionam com situações cotidianas anteriormente atravessadas pela insegurança e pela dependência. As declarações evidenciam o que Freire (2015) discute ao afirmar que a alfabetização permite ler a palavra e o mundo, ampliando a capacidade dos sujeitos de interpretar situações, tomar decisões e participar ativamente de seu contexto social e exercer com plenitude sua cidadania.

Além das mudanças individuais, também foram mencionados impactos sociais, tendo em vista que vários participantes afirmaram que a convivência com colegas e professores fortaleceu vínculos na comunidade, como fica expresso nas repostas: “[...] fiz muito amigo na escola” (E2, 2025); “melhorou minha relação com a comunidade” (E3, 2025); “melhorou, pois na escola fiz bastante amizade” (E4, 2025); “melhorou o convívio com o pessoal” (E5, 2025). Esses relatos sugerem que a EJA funciona como espaço de socialização e potencializa a sensação de pertencimento tanto na escola quanto na sociedade, contribuindo para fortalecer redes comunitárias (Haddad; Di Pierro, 2000). No entanto, mesmo entre aqueles que afirmam não perceber mudança após a alfabetização, como é o caso de E7 e E8, observa-se que a experiência escolar continua sendo associada a sentimentos de valorização pessoal e reconhecimento da importância do aprendizado.

Esse reflexo também é verificado no âmbito familiar, como fica expresso no fragmento: “minha relação melhorou bastante pois eu já podia ensinar alguma coisa ao meu

filho mesmo sendo pouco e também algum amigo ou vizinho que não sabia o significado de alguma coisa” (E1, 2025).

A fala evidencia impactos da alfabetização que ultrapassaram a experiência individual do participante, passando a repercutir também nas relações familiares e comunitárias. Ao mencionar a possibilidade de ajudar o filho e possivelmente amigos e vizinhos, o entrevistado demonstra que os conhecimentos adquiridos na EJA passaram a ocupar um papel socialmente compartilhado no cotidiano da comunidade.

3.4 Continuidade dos estudos e a importância atribuída à alfabetização

Ao analisarmos as falas dos participantes acerca da continuidade dos estudos após a alfabetização, observa-se que a permanência na EJA ocorreu de forma limitada e, em muitos casos, foi interrompida não pela ausência de interesse em aprender, mas pelas dificuldades estruturais relacionadas à continuidade da oferta educacional na comunidade. Entre os entrevistados, apenas um participante afirmou ter conseguido avançar para outra etapa de escolarização, relatando: “terminei em 2005 a oitava série” (E6, 2025). Os demais participantes interromperam os estudos após o encerramento das turmas de alfabetização ou pela ausência de novas oportunidades de continuidade na própria localidade: “terminei o projeto no tempo, mas como não veio mais, aí não estudei mais, mas se tivesse eu ia” (E3, 2025); “parei porque não veio mais projeto para cá” (E7, 2025).

Sendo assim, a interrupção das turmas acabou restringindo as possibilidades de continuidade dos estudos. Assim, a não continuidade está relacionada às condições de vida dos participantes, tais como: dificuldades familiares, exigências do trabalho e cansaço físico, fatores já mencionados em eixos anteriores. A combinação desses desafios ajuda a explicar por que, mesmo atribuindo grande valor à aprendizagem, vários ex-alunos não conseguiram avançar para outras etapas. Estas desigualdades estruturais se apresentam como um dos entraves que limitam as oportunidades formativas e restringem a escolarização ao nível mínimo, especialmente entre trabalhadores rurais e populações adultas, como é o caso dos entrevistados que residem na comunidade 03 de Agosto.

Em síntese, as falas mostram que a continuidade dos estudos na EJA foi limitada por fatores externos e estruturais, e não por falta de interesse dos participantes. Além disso, todos reconhecem a alfabetização como um processo valioso, que marcou suas trajetórias e trouxe benefícios concretos e simbólicos. Assim, esse eixo evidencia que, apesar das interrupções, a

alfabetização permanece como uma experiência significativa e transformadora, reafirmando sua relevância enquanto direito e instrumento de inclusão social.

4 CONCLUSÃO

O presente estudo buscou analisar os impactos da alfabetização na vida de ex-alunos da EJA da comunidade rural 03 de Agosto, compreendendo como essa experiência repercutiu no cotidiano e nas formas de participação social desses sujeitos. A partir das narrativas dos participantes, observou-se que a alfabetização repercute especialmente em situações relacionadas à autonomia cotidiana, como assinar o próprio nome, compreender informações básicas, deslocar-se com maior independência e reduzir a necessidade de recorrer constantemente a outras pessoas em atividades do dia a dia.

As falas evidenciam que a experiência escolar foi associada a sentimentos de acolhimento, convivência e valorização pessoal. Mesmo entre participantes que relataram aprendizagens limitadas, as falas demonstraram que pequenas conquistas, como aprender a assinar o próprio nome, foram percebidas como importantes em suas trajetórias, sobretudo por reduzirem situações de dependência e constrangimento vivenciadas anteriormente.

As dificuldades relatadas pelos participantes também revelam que o acesso e a permanência na EJA continuam atravessados por desigualdades sociais e limitações estruturais. Aspectos relacionados ao trabalho, ao cansaço físico, às responsabilidades familiares e à descontinuidade das turmas interferiram diretamente nas suas trajetórias escolares. Nesse contexto, embora os participantes reconheçam impactos positivos da alfabetização em suas vidas, as falas indicam que muitos processos educativos ocorreram de forma interrompida e limitada pela irregularidade da oferta da EJA na comunidade.

Em síntese, os relatos analisados indicam que a alfabetização na EJA produziu impactos relacionados principalmente à ampliação da autonomia cotidiana, ao fortalecimento das relações sociais e à valorização pessoal dos participantes. Sendo assim, os relatos evidenciam mudanças que ultrapassaram os resultados escolares formais, repercutindo na forma como os participantes passaram a se perceber e atuar em situações do cotidiano.

Entretanto, é importante considerar que os resultados apresentados correspondem às experiências de um grupo específico de ex-alunos de uma comunidade rural do município de Lajes (RN), não permitindo generalizações para outros contextos da EJA. Ainda assim, o estudo contribui para ampliar as discussões sobre os impactos da alfabetização na vida de

jovens e adultos do campo, especialmente em realidades marcadas por desigualdades históricas de acesso à educação.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel González. **Educação de jovens e adultos**: um campo de direitos. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2022.

DI PIERRO, Maria Clara; JOIA, Orlando; RIBEIRO, Vera Masagão. Visões da educação de jovens e adultos no Brasil. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 21, n. 55, p. 58-76, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/44R8wkjSwvn8w6dtBbmBqgQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 5 maio 2026.

FREIRE, Ana Maria Araújo. A leitura do mundo e a leitura da palavra em Paulo Freire. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 35, n. 96, p. 291-298, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/7DgKZW4TqjBFXd9BTnvrQwv/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 5 maio 2026.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

GENTILI, Pablo. **Pedagogia da exclusão**: crítica ao neoliberalismo em educação. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. Escolarização de jovens e adultos. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 14, p. 108-130, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/YK8DJk85m4BrKJqzHTGm8zD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 5 maio 2026.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2023.

MOURA, Maria Aparecida de; MARTINS, Lígia Regina Klein. **Educação de jovens e adultos**: políticas, práticas e desafios. Curitiba: Appris, 2018.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Jovens e adultos como sujeitos de aprendizagem**. São Paulo: Cortez, 2020.

SILVA, Ana Raira Gonçalves da *et al.* A importância socioeconômica da pavimentação da estrada no Assentamento 3 de Agosto, zona rural de Lajes/RN. In: DUARTE, Armando Dias (org.). **Coleção "Engenharias eu te amo"**: engenharia civil. Ponta Grossa: Atena Editora, 2023. p. 1-13. Disponível em: <https://atenaeditora.com.br/catalogo/post/a-importancia-socioeconomica-da-pavimentacao-da-estrada-no-assentamento-3-de-agosto-zona-rural-de-lajes-rn>. Acesso em: 21 maio 2026.

SOARES, Magda. **Alfabetização**: a questão dos métodos. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2022.

Recebido em: 8 maio 2026.

Aceito em: 12 jun. 2026.